

Artigos



Estágio Obrigatório e Ensino Remoto: o que temos a aprender?

Daniela Amaral Silva Freitas

Paulo Souto Maior

Wilson Elmer Nascimento¹

01

1. Todos/as os/as autores/as contribuíram na concepção e desenho do estudo, análise de dados e redação final.

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar reflexões a partir de dados coletados em resposta a dois questionários e em relatórios de estágio, junto a orientadores/as (professores/as da UFRN que ministram os componentes de Estágio), supervisores/as (professores/as da Educação Básica) de Estágio e estagiários/as (alunos/as de diferentes licenciaturas), de modo a traçarmos um painel do que foi a experiência de ensino remoto vivenciada em meio à pandemia causada pelo COVID-19, destacando adversidades e desafios enfrentados por essas três instâncias envolvidas diretamente com o estágio.

Palavras-chave: estágio obrigatório ensino remoto; formação docente.

Considerações introdutórias²

Período letivo a período letivo, os Estágios Obrigatórios de Formação de Professores/as se firmam como componentes que, fundamentais em cursos de licenciatura, trazem, tal como nas salas de aula, um “quê” de imprevisto, de impensado, de novidade e, assim, cada disciplina acaba por se singularizar. Orientar, supervisionar ou cursar um Estágio é estar entre duas margens do rio, uma já conhecida, das normas, das leituras, das reflexões; a outra, dos tempos e espaços da escola, do inédito, das correntezas, dos fluxos, do acontecimento.

É justamente por aqui que iniciamos nossas reflexões sobre o Ensino Supervisionado obrigatório em tempos de pandemia. Quando o grupo do qual faz parte as/os autoras/es deste texto, o Grupo de Trabalho (GT) de Estágio, vinculado ao Departamento de Práticas Educacionais e Currículos, do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DPEC/CE/UFRN), se reuniu, encaminhou demandas e pensou ações para as aulas que se iniciaram nos primeiros meses de 2020, nem nos nossos piores pesadelos imaginávamos que haveria uma pandemia no meio do caminho. Na realidade, ainda nos reportando ao poema de Carlos Drummond de Andrade, “nunca me esqueci desse acontecimento na vida das minhas retinas fatigadas”³. Certamente todas/os envolvidas/os no estágio não esquecerão a reflexão, os diagnósticos e a ação diante de uma realidade impensável.

No entanto, apesar da pedra (ou seria um meteoro?), que neste momento ceifou a vida de mais de 200 mil brasileiros/as, foi preciso nos adaptar ao cenário mais improvável do nosso trabalho e fazê-lo acontecer em formato remoto. Mas fazer um estágio acontecer é se defrontar com a vida. Vidas de estudantes, de estagiários/as, de supervisores/as, vidas das salas de aula, vidas que correm pelos pátios escolares, sorriem, pulam, reinventam-se, vidas que se dão em cinco sentidos. Estágio é ver, ouvir, sentir, cheirar, degustar, além de pensar, é mesmo uma experiência corpórea, adaptada, de repente, para as telas de computadores, tablets, smartphones⁴.

Com a crise sanitária e de saúde pública, precisamos rever tudo isso em paralelo com o aumento do número de mortes e de casos diagnosticados. Soma-se a isso, o aumento da pobreza,

2. Agradecemos a leitura atenta e generosa da professora Vânia Aparecida Costa.

3. DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Alguma poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

das taxas de desemprego, de pessoas passando fome, do excesso de trabalho para alguns/algumas, das desigualdades de gênero e do racismo brasileiro exposto na cor que prevaleceu dentre as vítimas fatais da pandemia⁵. É bom que se diga, não estávamos incólumes a tudo isso, a vida e a morte se esbarrando constantemente. Se o Estágio é vida, como fazê-la acontecer em meio ao cheiro de morte que impregnou este país?

Nossa experiência de orientadores/as de estágio se encaminhou em meio a esse e outros cenários. Apesar de já haver vacina, ainda não há perspectiva de quando seremos vacinados/as; é incerto quando chegará de fato a todas/os habitantes do Rio Grande do Norte. As escolas da rede estadual do RN e dos municípios de Natal e Parnamirim, por exemplo, sinalizaram um retorno híbrido para 2021 e, enquanto refletimos o novo caminhar num futuro ainda imprevisível, expomos aqui criticamente os pontos que consideramos mais relevantes sobre o Ensino Supervisionado obrigatório em formato remoto ocorrido em 2020.

Para isso, organizamos o texto de modo a construir um painel da nossa experiência com o estágio, destacando adversidades e desafios enfrentados pelas três instâncias envolvidas diretamente com o estágio, quais sejam: i) orientadores/as (professores/as do DPEC/CE/UFRN que ministram os componentes de Estágio); ii) estagiários/as (alunos/as de diferentes licenciaturas) e iii) supervisores/as (professores/as da Educação Básica) de Estágio. O que significou pisar no chão (ou nuvens), agora virtual, da escola? Como o diálogo e a parceria entre esses sujeitos, fundamentais para a formação inicial do/a docente, se efetivaram em meio ao novo cenário? Quais desafios permanecem e quais saídas podem ser apontadas para a realização do estágio? Para isso, baseamo-nos, principalmente, nos resultados do questionário, organizado pelo GT de Estágio (DPE/CE/UFRN), e enviado a todos/as os/as professores/as orientadores/as da UFRN vinculados ao departamento citado, a fim de se verificar como foram as experiências de estágio em formato remoto no semestre letivo de 2020.6 (retomada de 2020.1), desde a organização, implementação e acompanhamento da execução pelos/as alunos/as. Também subsidiou a escrita deste texto: relatos de colegas que orientaram estágio em formato remoto durante a pandemia, compartilhados em reuniões do GT de Estágio; o questionário enviado aos/às professores/as da educação básica com o objetivo de sondar a disponibilização ou não de supervisão de estágio em formato remoto no ano de 2020 e em relatórios de estágio cadastrados no SIGAA por discentes que realizaram o estágio remoto.

Uma (das muitas) imagem dos estágios durante a pandemia

O questionário voltado para os/as orientadores/as de Estágio do DPEC/CE/UFRN tinha como objetivo mapear como foi vivenciada a experiência de orientação do Estágio em formato

4. ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira de COVID-19. Revista EmRede: Revista de Educação a Distância, v.7, nº1. Porto Alegre, 2020, p.257-275. Disponível em: <https://www.aunired.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>.

5. SCHWARCZ, Lília Moritz. Quando acaba o século XX. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

remoto. Quinze professores/as de educação superior, de diferentes licenciaturas (Artes, Ciências Biológicas, Física, Geografia, História, Libras, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Matemática e Química), responderam às doze questões que o compunham. A maioria, que atuava em cursos na modalidade presencial (apenas um atuava na Educação à Distância), viu-se na condição de reformular e/ou adaptar seus planos de curso para o novo formato que se instaurou, o ensino remoto. Assim, o planejamento inicial dos componentes de Ensino Supervisionado Obrigatório de Formação de Professores/as (com turmas iniciadas em fevereiro de 2020), a partir de orientações da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da UFRN, teve de ser alterado para que pudesse nele caber uma dinâmica completamente nova e desconhecida para todos/as. Na retomada das aulas, os Planos de Curso deveriam, assim, refletir outro mundo que, atingido pela pandemia, modificou-se totalmente. Há que se destacar que o *II Ciclo de Diálogos Universidade Escola*⁶ contribuiu sobremaneira para isso, uma vez que foi pensado e organizado pelo GT de Estágio (DPE/CE/UFRN) com objetivo de estreitar e fortalecer o diálogo entre esses dois espaços formativos, procurando compreender o cenário educacional que se compôs naquele momento e dar voz aos diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo. Nesse entremeio, cabe destacar a pergunta transversal que o perpassou, qual seja: “O que a relação universidade-escola tem a proporcionar em tempos de pandemia e pós-pandemia?”.

Apesar do acordo firmado com várias coordenações de curso de haver um número reduzido de alunos/as a cursarem o Estágio (foi acordado que se daria prioridade para os/as concluintes), devido às incertezas que estavam colocadas, cerca de 60% das turmas tinham de 1 a 15 alunos/as e 40% tinham de 15 a 30 alunos/as. O alto número de alunos/as nas salas demandou um esforço extra dos/as orientadores/as de Estágio, em dois aspectos principalmente: assegurar que todos/as os/as alunos/as tivessem campo para a realização do Estágio e entender como cada um desses campos organizava o processo educativo. Nesse sentido, um aspecto que merece destaque em nossa análise é o processo de estabelecimento da parceria entre a UFRN e as escolas de educação básica. Geralmente, em condições normais de ensino presencial, essa parceria pode ocorrer de diferentes maneiras, seja por intermédio do/a docente orientador/a, que possui certa aproximação com algumas unidades escolares, seja por iniciativas próprias de estagiários/as que buscam escolas próximas de suas residências ou até mesmo da própria UFRN para estagiar. Nossa experiência mostra que a segunda maneira é a mais amplamente utilizada, ficando a cargo dos/as discentes a escolha pelos campos de estágio.

Como em praticamente todos os aspectos que se referem aos estágios, o estabelecimento da parceria universidade-escola sofreu significativas mudanças no contexto do ensino remoto. A preocupação inicial de nós, docentes orientadores/as de estágio, no que concerne ao escasso

6. Para maiores informações, consultar o canal do GT de Estágio Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC-wCKj0eGnn8yXVmqd0EglQ>>. Acesso em 10 jan. 2021. Além disso, as discussões realizadas no evento deram origem a um conjunto de artigos reunidos em: Cadernos de Estágio: janelas de diálogo. UFRN, vol.2, n.1, 2020. Disponível em: <<http://bit.ly/CADERNOSV2N1>>. Acesso em 10 jan 2021.

campo de estágio disponível para a realização das atividades, confirmou-se na medida em que iniciamos as buscas por parcerias com escolas de educação básica. Deparamo-nos com um número reduzido de escolas que mantinham suas atividades escolares no formato remoto, o que nos impulsionou a adotar diferentes estratégias para alcançar um número suficiente de professores/as supervisores/as que firmassem esse compromisso de atuar na formação inicial de licenciandos/as.

Não por acaso, o GT de Estágio elaborou um formulário, que foi disponibilizado entre professores/as da rede básica, verificando a disponibilidade para exercer a supervisão. Embora 63 professores/as tivessem sinalizado positivamente, muitos deles/as, posteriormente, declinaram o convite. Um dos/as cinco docentes, que responderam a este questionário e negaram-se a exercer a supervisão, comentou:

Gostaria de ver a ação da nossa UFRN dando suporte a nossa rede de educação básica, neste momento tão delicado. Pois já se passaram 6 meses de paralisação das nossas atividades e este instituto de ensino superior não disponibilizou formação online para nós os professores da rede básica de educação. E agora vocês vêm pedir nossa colaboração (Docente da Educação Básica A).

Tal fala reitera uma meta pela qual o Centro de Educação há muito vem batalhando, a de se firmar uma parceria mais efetiva entre universidade e escola, com alinhamento das necessidades formativas dos/as futuros/as professores/as e dos/as professores/as em exercício na educação básica. O teor desanimado da resposta sinaliza para uma relação de mão única, as escolas estariam dispostas a contribuir com a universidade, sendo campo de estágio, de intervenção e de estudos, ao passo que esta não teria tido a iniciativa de, através dos/as seus/suas profissionais e estudantes, oferecer uma formação continuada para a execução do trabalho nas redes básicas de ensino. Essa premência aponta para a necessidade de se ampliar, fortalecer práticas institucionais de colaboração entre universidade e escola com vistas ao desenvolvimento profissional contínuo dos/as envolvidos/as, indo além de práticas efêmeras de cooperação, nas quais, em geral, as contribuições são somente unilaterais.

Diante da dificuldade de se chegar a um número suficiente de supervisores/as e, como sem supervisão, não há estágio, foi possível encontrar uma alternativa, fazendo adaptações pouco comuns em outros momentos, como: supervisão de grupos de quatro (e até mais) estagiários/as por apenas um/a professor/a supervisor/a; acolhida de vários/as estagiários/as por uma mesma escola do interior do Rio Grande do Norte (alternativa possível uma vez que o estágio foi remoto); organização de ações de extensão que visavam convidar esses/as profissionais para se constituírem como co-partícipes na realização de projetos arrojados em torno dos estágios. Sem essas adaptações e a rede de colaboração que foi se formando, o estágio não teria sido possível. Entre esses arranjos e rearranjos, a maior parte dos estágios foi realizada na rede estadual do Rio Grande do Norte, seguida pela rede municipal de Natal e de Parnamirim. Todavia, há que se demarcar que vários/as alunos/as realizaram o estágio em municípios do interior do Estado (como em Goianinha, João Câmara, São Fernando) e no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Além desses

contextos, alguns estágios específicos foram realizados em espaços não escolares de educação, como o Parque das Ciências e o Museu Câmara Cascudo da UFRN.

Diante desse contexto, uma das primeiras impressões, e talvez a mais impactante, foi a necessidade de se ampliar e consolidar a imprescindível relação universidade-escola. Foi possível evidenciar a falta de uma parceria mais orgânica e efetiva entre a UFRN e as instituições escolares, que há anos partilham de seus espaços para o desenvolvimento dos estágios supervisionados.

[...] por muitos motivos, não foi firmada uma parceria efetiva ao longo dos estágios anteriores. Uma “tradição” gravíssima de professores universitários distantes de professores supervisores. A pandemia escancarou essa frágil relação escola/universidade, mostrou que os professores supervisores oferecem favores à universidade, uma vez que não têm o trabalho de supervisão reconhecido e valorizado; às vezes, nem certificado (Orientador/a de Estágio A).

Sem dúvida, esse processo de relativo distanciamento acarretou inúmeras dificuldades no estabelecimento das parcerias com os/as professores/as supervisores/as, agravadas pelo isolamento social decorrente da pandemia. Ao ressaltarmos essa fragilizada interlocução queremos expor aqui a tensão que nos movia – e aos/às estagiários/as mais ainda – quando alguns/algumas supervisores/as, mesmo após assinado o termo de compromisso de estágio, desistiram da supervisão. Outra questão complexa ocorria quando os/as supervisores/as passavam um longo tempo sem responder aos/às estagiários/as, devido a adoecimentos, rotina extenuante de trabalho e/ou até mesmo por razões pessoais. A fala de um/a dos/as professores/as ilustra bem a situação que estavam vivenciando:

Não está sendo fácil. Primeiro porque não fomos treinados para o trabalho remoto. Uma minoria está assistindo as aulas porque a maioria não tem equipamentos e nem acesso a internet. Outro problema é a falta de estrutura e apoio dos familiares para que os estudantes possam participar das atividades remotas. E também, alguns estudantes não estão participando das aulas remotas porque precisaram trabalhar nesse período de pandemia (Docente da Educação Básica B).

No que se refere às formas como os campos de Estágio se organizaram nesse contexto de ensino remoto, que estratégias e tecnologias lançaram mão, há que se destacar que cada rede, cada escola, cada docente da educação básica criou uma forma de dar continuidade ao processo educativo. Os dados do questionário mostraram que, entre as estratégias criadas, a que mais se destacou foi o envio de atividades via WhatsApp ou aplicativo similar para os/as alunos/as. Outras estratégias também amplamente utilizadas foram: encontros síncronos via internet, aulas gravadas e encaminhadas via WhatsApp ou aplicativo similar, envio de atividades impressas e aulas transmitidas através da televisão. Há que se pontuar que nem sempre apenas uma estratégia era utilizada, muitas somaram para dar conta da diversidade das condições dos/as alunos/as de cada realidade de conseguir acompanhar as atividades escolares.

Tais fatores fizeram com que o trabalho de supervisão e de orientação se mostrassem ainda

mais desafiadores no formato remoto, como se pode ver pelos relatos:

Compreender como cada rede e cada professor/a estava atuando, as tecnologias que estavam sendo utilizadas e, em função disso, estudar e organizar as discussões em sala de aula, atendendo as especificidades de cada aluno/a (Orientador/a de Estágio B).

Estou remoto desde março, aprendizado e superação cotidiana, aumento substancial da carga de trabalho, atenção Pedagógica na direção da escola apoiando sempre, desafio da falta de estrutura como sinal da Net até mesmo falta de equipamentos celular, notebook, uso da impressão como suporte, desafio com alunos e familiares, renovação e aprendizagem (Docente da Educação Básica C).

No início da pandemia tentamos alcançar nossos alunos remotamente, mas eles não nos davam um retorno. Acreditamos que não tinham acesso à internet. Disponibilizei aulas e atividades pelo Sigeduc e pelo Clikideia, mas poucos responderam, um número insignificante. Em reunião pedagógica virtual, decidimos não fazer mais as aulas, nem síncronas, nem assíncronas (Docente da Educação Básica D).

Um dos pontos fracos é a própria realização do estágio on-line, na plataforma em que se deu e nas condições em que pôde se realizar. [...] Tudo foi muito difícil: os relacionamentos, as intervenções e as aulas, propriamente. Isso porque não há como fazer muita coisa quando os alunos não têm à disposição instrumentos e acessibilidade boa para que a aula aconteça de forma plena (Estagiário/a B).

Além de considerar variáveis inéditas, foi necessário aguçar a escuta dos/as discentes, contactar supervisores/as, flexibilizar horários de atendimento, refletir com as/os alunas/os quais tensões surgiam entre o contexto pandêmico e a educação, como ela inviabiliza o trabalho de docentes e discentes, mas também quais estratégias poderíamos considerar para agir, tendo em vista uma educação transformadora. Percebe-se um pouco desses fatores no que é dito por um/a professor/a orientador/a sobre as principais dificuldades do período:

Problemas de comunicação (conexão com a internet, aparelhos inadequados, sem câmera, microfone), problemas psicológicos (relacionados às incertezas e inseguranças, próprios do momento), problemas sociais (muitos alunos assistindo aulas trabalhando e sem poder interagir durante as aulas síncronas) (Orientador/a de Estágio C).

Houve, portanto, um excesso de trabalho que inundou o nosso lar, antes espaço de descanso, de aconchego. A casa converteu-se em sala de aula, sala de trabalho, biblioteca, local de escutas de anseios, medos e dores, de reuniões, de plenárias e, claro, de outras demandas realizadas por professores/as universitários/as.

As incertezas que permearam a realização dos estágios reverberaram também em certo receio em como se daria o acompanhamento dos/as estagiários/as no em formato remoto, por parte de supervisores/as e gestores/as, acarretando, em algumas situações, em orientações mais precisas da própria gestão escolar em não receber estagiários/as:

Houve resistência por parte de alguns supervisores e escolas que se mostraram contrários

a receber estagiários sem saber como proceder num acompanhamento em formato remoto (Orientador/a de Estágio B).

Algumas escolas têm orientação da gestão de não receber estagiários (Orientador/a de Estágio D).

Dificuldade dos diretores e professores em se cadastrar na mesa virtual, excesso de trabalho e confiança dos mesmos com a proposta de Estágio remoto (Orientador/a de Estágio E).

Para além das dificuldades do ingresso dos/as futuros/as professores/as no campo de estágio, outro ponto que gostaríamos de destacar é o **processo de supervisão em formato remoto**. Neste aspecto, experiências muito heterogêneas permearam as práticas de estágio nesse período, no entanto, com desafios comuns, tais como obstáculos para a formalização de toda documentação dos estágios, bem como as dificuldades de comunicação entre os agentes envolvidos.

Unânime em nosso levantamento, o laborioso processo de formalização do estágio via Sistema Integrado de Patrimônio (SIPAC) foi o maior dificultador do andamento dos estágios, haja vista que provocava a entrada tardia dos/as licenciandos/as ao campo de estágio, comprometendo o cumprimento da carga horária total prevista para o componente curricular em um semestre já reduzido.

Uma grande dificuldade foi o recolhimento das assinaturas. O processo via SIPAC foi muito complexo e uma demanda a mais para o/a supervisor/a e concedente (Orientador/a de Estágio D).

A maior dificuldade foi a realização do cadastro de forma adequada por parte do diretor da escola (Orientador/a de Estágio A).

Dificuldade dos diretores e professores em se cadastrar na mesa virtual [...] (Orientador/a de Estágio E).

O problema da escassa comunicação é algo que está dificultando todo o percurso dos estágios, o que acaba afetando diretamente no seu processo de formalização. Se antes tínhamos que solicitar ao nosso aluno que realizasse o preenchimento das assinaturas junto aos responsáveis, hoje precisamos que essas pessoas se cadastrem no SIPAC. Contudo, algumas pessoas resistem e solicitam a assinatura no papel impresso. Outras tentam realizar o cadastro no sistema do SIPAC, por diversas vezes, e não conseguem. O próprio sistema da UFRN apresenta falhas que estão dificultando o processo de formalização dos estágios (Orientador/a de Estágio F).

Dentre as principais dificuldades, enfatizo a questão burocrática, que por inúmeras vezes interferiram no melhor andamento do estágio por não se adequar às novas limitações impostas pela pandemia do COVID-19 [...] (Estagiário/a C).

[...] Além do mais, tivemos dificuldades de ordem burocrática no que diz respeito ao cadastro do termo de compromisso e ao recolhimento das assinaturas (Estagiário/a D).

Na pior das situações, todo esse processo burocrático de coleta de assinaturas causou, em

muitos casos, a desistência por parte dos/as assinantes externos/as envolvidos/as (gestores/as e professores/as) e até mesmo dos/as discentes. [...] *foi difícil conseguir assinaturas de gestores e supervisores, fator que levou alguns alunos a trancar o componente* (Docente de Estágio B). Há que se destacar que, até mesmo na última semana de aula da UFRN, após o estágio realizado, vários Termos de Estágio ainda não estavam com a situação regular, demandando um esforço de discentes e docentes, junto às coordenações e à PROGRAD, para a regularização.

Um outro aspecto também a ser pontuado, diz respeito a como o estágio remoto foi vivenciado pelos/as licenciandos/as. O relato de alguns/as estagiários/as nos permitem perceber como a mudança do ensino presencial para o ensino remoto quebrou expectativas frente à formação e fragilizou as relações que anteriormente eram estabelecidas por meio do olhar, do toque, do convívio, seja na sala de aula da graduação, seja no campo de estágio, nas escolas de educação básica:

A instabilidade da sociedade durante a pandemia complicou todos os aspectos da vida, em ordem pessoal, acadêmica e profissional. Não é possível listar tudo, mas diria que a dificuldade de estabelecer laços. Na disciplina de estágio, é essencial firmar vínculos com a escola, os alunos, supervisor, etc. A modalidade remota torna a experiência muito mais distante e dificulta essas relações (Estagiário/a F).

[...] tivemos momentos de ansiedade e estresse no desenvolvimento das atividades. A regência remota foi a parte mais difícil para mim, que já apresentava dificuldade antes. Mas isso, no final das contas, conta como experiência proveitosa. Conseguimos, apesar de tudo, realizar o estágio com significação (Estagiário/a B).

Ser/a professor/a é também estar aberto/a a uma escuta sensível e atenta as/aos nossas/os alunas/os. Embora as câmeras desligadas da sala do google meet não deixassem espaço para que percebêssemos as emoções dos/as estudantes, no tom da voz, nas reuniões de orientação, nos e-mails, em mensagens de whatsapp ou, até mesmo, permanecendo na sala virtual, ao término da aula, alguns/algumas expunham suas angústias, seus adoecimentos, apreensões com a formação, e questões mais pessoais como, por exemplo, a mãe que perdeu o emprego na pandemia e a consequente redução da renda familiar, ou a preocupação com a irmã aluna de escola pública que fará vestibular e não contou com uma preparação exitosa. Assim, não nos espantaríamos se uma pesquisa comprovasse que a pandemia aumentou os níveis de estresse e ansiedade entre os estudantes, afetando diretamente a saúde mental. Nesse sentido, uma necessidade apresentada foi a de criar estratégias de acolhimento do licenciando/a:

Acho importante destacar que há uma exaustão e ansiedade grandes geradas com esses processos. São muitas as situações que desencadeiam na gente sensações de impotência, tristeza etc. Acho importante pensarmos ações de acolhimento porque não estamos alheios a tudo isso que anda acontecendo (Orientador/a de Estágio G).

Orientar os estágios durante a pandemia de coronavírus mobilizou muito esforço físico e mental. Os estágios incluem as aulas, mas também os encontros semanais de orientação. Diante das dificuldades como: ausência de escolas, de supervisoras/es, da burocracia envolvida na assi-

natura virtual dos termos de compromisso e outras variáveis, o contato com os discentes que antes, para alguns casos, ocorria via e-mail, precisou incluir também o whatsapp. Com isso, tivemos estagiárias/os entrando em contato nos sete dias da semana, em qualquer horário. Destacamos essa questão aqui porque o trabalho de orientação tornou-se muito mais complexo, invadiu nossa rotina, deixando-nos ainda mais cansados. Cansaço presente até mesmo em dores físicas no corpo, na coluna, com o excesso de horas sentado à frente do computador.

Considerações finais

Com muitos desafios, conforme se viu ao longo do texto, os estágios curriculares obrigatórios da UFRN foram ofertados e, acreditamos, desenvolvidos com êxito se considerarmos as variáveis do momento. Desenvolver todas as atividades em formato remoto, desde as conversas iniciais com as escolas e professores/as em busca de supervisão, passando pela dificuldade com a assinatura dos termos de compromisso, até as estratégias para contabilizar a carga horária, exigiu de orientadores/as, supervisores/as e discentes um esforço físico e mental, permitam-nos, hercúleo. Todavia, há saldos positivos, como aponta um/a licenciando/a:

Desenvolver o estágio na modalidade remota possibilitou o contato com um cenário educacional que desaguará em um futuro próximo, de maneira que me sinto mais preparada para enfrentar a realidade das salas de aula quando estiver atuando como professora. Além disso, a necessidade de utilizar as tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem contribuiu para a minha formação, no que tange a habilidade de mobilizar recursos digitais de forma significativa para os sujeitos-alunos (Estagiário/a C).

Em síntese, os relatos reunidos por meio dos questionários e relatórios de estágio permitiram cartografar parte da experiência vivenciada em 2020 e também funcionam como uma oportunidade de troca de experiências com nossos/as pares e parceiros/as - professores/as da educação superior, da educação básica, estagiários/as - e de reflexão com o que foi registrado pelos/as sujeitos envolvidos no processo de estágio. No seu conjunto, apontam para o momento complexo vivido na formação inicial de professores/as em decorrência da pandemia de coronavírus e que continua válido, uma vez que os estágios da UFRN continuam em formato remoto e carregados de incertezas e desafios.